

Meditação sobre as palavras de Gurumayi

Mahashivaratri

por Eesha Sardesai

“Peça, e você receberá”

Depois que Gurumayi contou a história da criança de sete anos que desejava “reservar *darshan*”, ela deu outro ensinamento sobre o que essa história ilustra.

Gurumayi disse: “Peça, e você receberá. Todos nós sabemos disso. Está em todas as tradições. Está na tradição hindu, na tradição cristã, na tradição judaica, na tradição muçulmana. Em toda tradição, em toda religião, a Verdade é a mesma.”

Quando Gurumayi disse isso, foi como se uma luz se acendesse na minha mente; essa sabedoria ancestral voltou a ser nova. De forma geral, eu estava familiarizada com a passagem bíblica da qual deriva essa afirmação: “Pede, e receberás.” Eu definitivamente já tinha encontrado esse tema nas histórias e escrituras que li sobre o Senhor Shiva. E eu sabia, pelos meus estudos e conversas com outros, que um sentimento semelhante se reflete nos textos do Islã e do Judaísmo. Mas até Gurumayi falar sobre isso no *satsang*, eu não havia parado para apreciar a importância *desse* princípio, *desse* tema, que ocorre em *todas* as principais tradições religiosas e espirituais do mundo.

O que podemos tirar do fato de que, não importa qual tradição escolhamos seguir, nosso esforço é considerado vital? As Bíblias hebraica e cristã, o Alcorão e inúmeras escrituras da Índia exaltam a benevolência de Deus.

Mas elas *também* deixam claro que o buscador deve dar esse primeiro passo em direção a Deus. Eles devem articular aquilo que desejam.

No caminho de Siddha Yoga, Gurumayi ensinou extensivamente sobre o poder da oração — esse ato profundamente sagrado de falar com Deus, de suplicar a Deus, de estar em diálogo e comunhão com Deus. A oração é uma prática em si mesma, que une a inteligência da mente com o conhecimento inato do coração. Fazer uma oração pode envolver muita coisa. Exige mais do que simplesmente se prostrar diante de Deus e torcer para que Deus cuide do resto. Também não se trata de dizer o que achamos ser “certo”, o que soa bem ou o que presumimos que Deus queira ouvir.

A verdadeira oração é a fusão da nossa própria alma com a alma suprema, a alma que pulsa em tudo à nossa volta. E para isso, primeiro devemos *escutar* — os passos das crianças, por exemplo, ou o vento assobiando contra nossa janela. O clique constante dos dedos no teclado do computador e o borbulhar da sopa no fogão quente. O pulso que buscamos está embutido em *todos* os sons — nos sons que podemos considerar mundanos e naqueles que reconhecemos como as próprias vibrações da divindade.

No entanto, ainda devemos levar em conta a preferência pessoal. Nossos corpos são únicos. Nossos sistemas nervosos têm sensibilidades diferentes. Alguns sons vão nos agradar, outros vão nos tirar do sério. Eu tenho achado útil — até crucial — aprender quais sons eu prefiro, e limitar minha exposição aos ruídos que sei que vão me incomodar. Se não sabemos do que nossos corpos gostam ou não, como podemos usar este corpo para experienciar Deus? Por outro lado, se nos engajarmos nesse processo conosco mesmos, se aprendermos o que preferimos e o que é bom para nós, então nos permitimos essa incrível possibilidade de tocar o Divino.

No fim das contas, há apenas um som que emergiu do silêncio deste mundo, e é esse som que reverbera no vento, nas ondas e na batida de nosso coração. *AUM*, o som primordial. Quando escutamos esse som, quando usamos nossas palavras para dar voz a ele, as orações que fazemos são permeadas com sua energia. Elas carregam o poder de *AUM*.

Eu reconheço que nem *sempre* partimos desse lugar quando estamos orando. Às vezes oramos por desespero, medo ou até culpa. Às vezes oramos porque realmente queremos algo. Não precisamos nos martirizar por conta disso. Certamente não precisamos agravar o desconforto que poderia ter nos levado a orar com *mais* culpa. Como escrevi antes, nossas orações ainda serão atendidas. Há uma razão para o Senhor Shiva ser chamado de Varada, o outorgador de bênçãos — para ele ser conhecido como Shambhu, o doador da felicidade, e como Karunanidhi, o tesouro da compaixão.

O que entendo, no entanto, dos ensinamentos de Gurumayi é que a oração também pode ser muito *mais*. Pode ser mais do que a simples realização de um desejo. Pode ser um portal para a experiência de Deus — e as palavras que surgem dessa experiência estão em conformidade com a vontade de Deus. Minha mente vai para a Mensagem de Gurumayi para 2026, especificamente sua segunda linha: “Observe! Mantenha seu dharma.” Acho fascinante que a observação seja um precursor para manter nosso dharma — que, para determinar qual é nosso dharma e então cumpri-lo, primeiro é necessário um certo grau de consciência (de nós mesmos, dos outros, de nosso mundo).

Recentemente, eu estava trocando histórias sobre oração com uma amiga minha no Shree Muktananda Ashram. Descobrimos que tivemos experiências semelhantes ao ir diante de Bhagavan Nityananda para orar em seu Templo. Antecipadamente, nós pensamos *muito* sobre o que queremos pedir. Encontramos as palavras *perfeitas* para expressar nossos desejos. Podemos até memorizar as palavras que queremos dizer, para

que, quando chegar a hora, possamos trazê-las à mente com facilidade. Mas então, quando chegamos na presença de Bade Baba — quando olhamos para sua forma dourada e deixamos seu olhar benevolente recair sobre nós — as palavras que havíamos ensaiado com tanto cuidado simplesmente não aparecem. Em vez disso, surgem *outras* palavras, palavras que nos surpreendem, mas que talvez transmitam com mais precisão aquilo que realmente almejamos.

Isso já aconteceu comigo tantas vezes que não consigo evitar de rir da situação. Ao mesmo tempo, isso me faz querer refinar minha abordagem quanto à oração; me faz querer me conhecer melhor e ser sincera comigo mesma. Acredito que, com essa sinceridade — com a verdade subjacente ao capricho da emoção e da ocasional rigidez de nosso pensamento — ganhamos acesso àquela Verdade maior de que Gurumayi fala.

E quando nossas orações emergem desse espaço de Verdade, não há outra opção, *exceto* que elas se manifestem. “Peça, e você receberá”, como diz o princípio. Estamos simplesmente comunicando o que precisa ser. Estamos tornando real a possibilidade que existiu durante todo esse tempo, ainda sem forma no éter até agora. Além disso, o que estamos trazendo ao mundo tem poder de duração, e um benefício que vai além de nós mesmos. Sim, qualquer desejo pode ser realizado por meio da oração. Mas por quanto tempo vamos desfrutar da satisfação desse desejo ser atendido antes que o próximo e o próximo e o próximo desejo tomem seu lugar?

Minha experiência é que uma oração feita a partir do coração dá frutos infinitos. Ela permanece viva. Torna-se uma espécie de talismã, ampliando a auspiciosidade para a pessoa que ora e para todos aqueles cujas vidas são tocadas, direta ou indiretamente, por sua oração. Lembro-me desta citação icônica do grande santo Sai Baba de Shirdi, que já ouvi Gurumayi repetir muitas vezes: “Dou às pessoas o que elas querem na esperança de que um dia elas queiram o que eu tenho para lhes dar.”¹

Então agora, quero lhe perguntar: você é alguém que acha benéfico orar e oferecer suas orações? Se sim, poderia compartilhar: como você experienciou o poder da oração em sua vida?



© 2026 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

¹ Citado em *Meu Senhor Ama um Coração Puro: A Yoga das Virtudes Divinas*, de Swami Chidvilasananda (Rio de Janeiro, RJ: SYD Brasil, 1997), p. 74.